



VII ENLIJE

A OUTRA FACE DA LEITURA: JOGOS E INSPIRAÇÕES LITERÁRIAS

Autora: Mariclécia Bezerra de Araújo¹

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Clerisrn1@hotmail.com*

Co-autora: Marta Bezerra de Araújo²

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte
martinhahm@yahoo.com.br*

INTRODUÇÃO

A literatura na escola vem configurando um caminho amplo, vasto, cheio de possibilidades, recheados de obras literárias de qualidade, que estão deixando as bibliotecas compactas de tanto acervo, que propicia o entusiasmo de quem as visitar.

Na contemporaneidade, temos mais probabilidade de acesso a livros brasileiros e estrangeiros, somos, pois, leitores privilegiados. E mesmo com tanta qualidade e quantidade em nossas bibliotecas municipais e estaduais, mesmo com professores mais especializados, encontramos pouco acesso a biblioteca, tanto por parte do aluno quanto dos professores. Há mais livros que leitores.

Em relação a esta vertente e tentando entender quem são os leitores da contemporaneidade, percebi a importância de estimular a leitura literária em sala de aula. Assim, o referido trabalho, aborda uma experiência literária com alunos do 1º ano do ensino médio na Escola Estadual Edmundo Neves do Nascimento³, município de Lagoa Salgada/RN.

A escolha para tal iniciativa partiu de uma disciplina chamada Acompanhamento Pedagógico⁴, disciplina escolhida pela equipe pedagógica da escola como disciplina optativa para o aluno. Desta

¹ Possui graduação em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016), graduação em Letras pelas Faculdades Integradas de Patos (2008) e Mestrado em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (2012). Atualmente é professora efetiva da Rede Estadual de Ensino com a disciplina Arte, atuando na Escola Estadual Edmundo Neves e na Escola Estadual Delzuite Maria Soares da Costa, em Lagoa Salgada/RN. Tem experiência na área de Arte, Educação e Letras, com ênfase em Arte, literatura e ensino. Pesquisa, os seguintes temas: corpo em cena, arquétipos, literatura, e arte educação. Atriz do Arkhètypos Grupo de Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é servidora pública como técnica de enfermagem no Hospital Universitário Onofre Lopes no Estado do Rio Grande do Norte.

³ A Escola Estadual Edmundo Neves do Nascimento está situada na Rua São João, nº S/N, na cidade Lagoa Salgada/RN. Mantida pelo poder público é administrada pela Secretaria de Educação, da Cultura e dos Esportes. Foi criada através do Decreto de Criação nº 15.411, de 23/04/2001 – Diário Oficial de 24/04/2001 nº 9.984. A referida escola oferta a Educação Básica no Nível Médio e nas Modalidades PROMEDIO Semi-integral, Noturno e Educação de Jovens e Adultos. No ano letivo de 2018 possui 428 alunos matriculados. (texto informado pela escola).

⁴ Esta disciplina tem como referência a aprendizagem de língua portuguesa e matemática, estabelecendo, por meio de um planejamento flexível, metodologias diferenciadas, contando com maior tempo disponível para professores e estudantes





VII ENLIJE

forma, o professor de língua materna poderia/pode lecionar esta área do conhecimento, ficando à vontade para criar sua própria ementa. Então, o aluno já possui sua carga horária de língua portuguesa rigorosamente durante a semana na escola, e, assim, resolvi no contra turno, trabalhar somente a leitura literária.

Com isto, o intuito desta experiência é observar/perceber como os alunos tornam-se leitores a partir da leitura literária, tendo como princípio o método de leitura compartilhada proposto por Teresa Colomer (2007), e o uso de jogos voltados para a contação de histórias de Viola Spolin (2010) e Augusto Boal (2015), trabalhando o corpo do aluno, a fim de que ele perceba a importância da formação física e intelectual de si mesmo.

Esta experiência⁵ tentará formar leitores literários contemporâneos, pautando-se sobretudo, na estética da recepção através dos métodos Recepcional e Criativo, proposto por Bordini e Aguiar (1993), desejando, em especial, que os alunos passem por momentos em que a leitura, juntamente ao trabalho corporal, seja fruto de uma consciência nascida de um procedimento experimental entre ler e fazer, seja, pois, através da escrita ou de cenas montadas por eles.

Nisto, deixar que eles percebam, mediante a troca uns com os outros, habilidades criativas propiciadoras de conhecimentos, que se abrem para um universo singular, universal e transformador.

A OUTRA FACE DA LEITURA LITERÁRIA

O encontro com a literatura nasceu do desejo de dedicar mais tempo a leitura em sala de aula, pois o tempo destinado a mesma é tão pouco e tão irrelevante que ao perceber isto, investir no uso da leitura como viés maior acima de aulas de gramática.

A leitura compartilhada, método proposto por Teresa Colomer (2007) vem acrescentar a metodologia de ensino subsídios maiores e didáticos que apoiam bastante as aulas de leitura. Mediante a proposta da autora, temos claro a necessidade de levar o aluno a perceber melhor como a literatura o pode ajudar em sua construção simbólica e criativa, pois, “a literatura é a base da formação dos leitores”. (COLOMER, 2007, p. 106),

realizarem suas práticas pedagógicas. Assim, ela pode se articular com outras ações interdisciplinares da escola, ou ainda, com outros programas e projetos, tendo em vista as expectativas e necessidades dos estudantes em relação a trajetória de formação. (texto informado pela escola).

⁵ Deixo claro, que o que estamos fazendo é uma experiência literária e não uma pesquisa qualitativa ou quantitativa. Acredito nas concepções de Larossa (2017, p. 18) em seu livro: **Tremores: escritos sobre a experiência**, no qual ele afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. O intuito é passar por momentos aonde a leitura nos deixe inquietos, a partir de experiências de leitura sozinho ou partilhada.





VII ENLIJE

Os alunos da escola Edmundo Neves do Nascimento, são jovens cheios de vida, apreciadores e espectadores da arte de contar histórias, que gostam de tudo em relação as possibilidades que a vida apresenta. É uma sala de aula com cerca de trinta alunos, contendo mais meninas que meninos. Sendo uma classe tão diversificada, as leituras aparecem para recheiar mais os encontros, e dar mais sabor ao que se deseja escolher enquanto leitura literária.

Ao escolher as obras a serem lidas, chegamos a encontrar algumas dificuldades, porque eles não sabiam o que escolher e ficaram, muitas vezes, perdidos durante estas escolhas. Tive que ajudar nessas escolhas e até narrar algumas, explicando como eram os livros, tentando estimulá-los a encontrar o queriam ler.

No primeiro bimestre do ano de 2018 iniciei a aula de literatura na biblioteca⁶ da escola, fizemos uma seleção de livros e observei durante o bimestre, que vinte e quatro alunos leram os livros, mas fizeram isto com uma insatisfação muito grande. Fizeram porque achavam que deveriam, que era obrigatório, que serviria para a prova, e etc. Em relação a isto, obtive uma conversa com eles e expliquei que a literatura não deveria ser imposta ao leitor, que eles podiam escolher a partir de suas inquietações suas próprias leituras. Com isto, entender que a “leitura autônoma, continuada, silenciosa, de gratificação imediata e livre-escolha, é imprescindível para o desenvolvimento das competências leitoras. É imprescindível para que o próprio texto “ensine” a ler”. (COLOMER, 2007, p. 125).

Baseadas nestas afirmações e para o segundo bimestre, deixei que o leitor sozinho, fosse até a biblioteca e escolhesse um livro do seu gosto pessoal, que conversasse com um colega e escolhessem livros, trocassem outros, percebessem a variedade de acervos existentes na biblioteca, que passassem a visitá-la mais. Nas concepções de Colomer, temos:

É imprescindível para que os alunos formem sua auto-imagem como leitores aprendendo a avaliar antecipadamente os livros, criando expectativas, arriscando-se a selecionar, acostumando-se a abandonar um livro que decepciona e a levar emprestado aquele que lhe parece atraente. (COLOMER, 2007, p. 125).

Meditando sobre o viés da Pedagogia da Autonomia, apoiando Freire (1987) em suas conjunturas acerca do ensino, aonde “ensinar não é transferir conhecimento”, permitir, simplesmente, que o aluno obtivesse autonomia para selecionar um livro de seu gosto pessoal. Mesmo deixando a

⁶ A biblioteca da escola possui um amplo acervo literário. Todo início de ano, quanto no meio do ano, todos os professores se reúnem e criam as listas de livros a serem comprados. Os alunos têm, então, grande quantidade e qualidade literária em sua biblioteca escolar.





VII ENLIJE

autonomia tomar conta do espaço, percebi que ela não funcionou muito. Dos trinta alunos, apenas oito leram as obras, sendo apenas quatro literárias⁷.

Senti uma enorme vontade de abandonar o barco, mas é preciso deixar o barco virar, deixar que ele encare novos cursos, e se for preciso se afogar, que se afogue, para subir emergindo em direção ao encontro do novo. Experimentar é demorar-se mais na leitura, no afeto, na emoção, na paixão, no caldo feito pelo sabor da vida. É preciso sempre estar conectado ao mundo das perguntas e deixar que as respostas venham nascendo, renascendo em outras vozes. Para Jorge Larossa (2017), a experiência seria, necessariamente, isto que me passou, porque silencieei meu coração e escutei a voz interior que me pedia paciência e lentidão para entender a mim mesma e aos alunos. Assim, o autor afirma que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e e dar-se tempo e espaço. (LAROSSA, 2017, p. 25)

Nisto, muitas percepções constroem-se pelo embate que a vida vai emanando. Esses embates, às vezes, nascem de forças divergentes, que convergem ao inusitado, deixando uma confusão de ideias inflamadas por muitas palavras. Esse estado de desencontro que o corpo se encontra, nestas situações, levam o sujeito a confundir seu processo de evolução, com desorganização pessoal. É preciso não ser um leitor apressado. É preciso deixa-se sentir, pois vendo e sentido, seremos leitores e atuantes desse caminhar chamado vida. Assim, criei uma nova estratégia de leitura para que o aluno fosse realmente tocado por ela.

Decidir trabalhar com a concepção da leitura compartilhada, pautada no critério de lermos uns com os outros. Colomer (2007), afirma que o hábito da leitura só aparece de forma efetivada quando todos juntos efetivamos atividades aonde a leitura dita e repetida em voz alta na sala de aula, discutida e entendida através de seu campo vasto de interpretações, alcança significados maiores. Desta forma,

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entende mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora,

⁷ Os alunos me disseram que não gostam de obras literárias porque elas exigem a participação do leitor durante a leitura, ou seja, é necessário que ele dê vida a mesma, que ele a encerre. Devido a isto, eles preferem obras estrangeiras “best sellers” por oferecer um suposto final. Afirmaram não gostar de literatura porque dá trabalho imaginar o final da história.





VII ENLIJE

fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidade mútuas. (COLOMER, 2007, p. 143).

Selecionei alguns autores e levei alguns contos. Autores como: Dalton Trevisan, Rubem Fonseca, Clarice Lispector, Machado de Assis, Juliano Martins, estão sendo inseridos na leitura do aluno. E mesmo sendo uma seleção diversificada, autores de ambas as épocas, acredito que levando um pouquinho de cada um, os alunos vão se sentir entusiasmados para buscar o que gostam e procurar outros. Contos cotidianos deixam o aluno muito pensativo e faz com que ele viaje em busca de outras referências.

Está sendo bem significativo os momentos de leitura com todos eles juntos, e, assim, está funcionando, pois eles gostam muito, porque estamos juntos, compartilhando do que é lido. Acredito que assim, o hábito de ler ganhará mais espaço na vida de cada um e que como tudo na vida, devemos ter paciência, pois o processo é lento mesmo, devagarinho ganharemos mais credibilidade.



Fotos: Mariclécia Bezerra de Araújo

Abaixo, segue o depoimento de algumas alunas sobre o processo de leitura em sala de aula:

As aulas de literatura estão sendo uma descoberta para mim. O gosto pela leitura, o desejo de ter um livro na mão, lê-lo e afirmar: “vou ler só mais uma página” e no final acabar lendo mais umas 20 páginas. As aulas me proporcionaram querer ter mais conhecimento, além de serem sempre diferentes, chamativas, participativas, fico sempre ansiosa para as aulas. A criatividade de Cléo é impressionante e ela está conseguindo passar para gente como interpretar; como ler as entrelinhas, e a proximidade que ela tem com a gente só melhora. **Vitory Camilly, 15 anos.**

Eu estou AMANDO as aulas de leitura. É incrível porque nunca tive aulas assim tão dinâmica e ao mesmo tempo criativas, aonde nós aprendemos variados conteúdos. Acredito que a professora Cléo faz isso com bastante antecedência, pois em suas aulas saímos da rotina metódica. Aprendi por meio da leitura algumas histórias lindas, aonde eu mesma posso criar o final delas e perceber uma metáfora para minha vida. Essas aulas me ajudaram bastante porque não gostava de ler muito, mas agora enxergo a leitura com outros olhos, me imagino dentro dela, em outro mundo, levando o que aprendi para a vida real. **Mariana do Nascimento, 15 anos.**





VII ENLIJE

As leituras me motivaram muito, pois eu tenho uma grande concepção sobre a leitura, ela transforma a vida de um ser humano, pois quem ler tem uma forma social mais diferente. Acredito que a leitura deixa qualquer pessoa esquecer os sentimentos ruins, os problemas você até deixa de ser antissocial, a leitura transforma qualquer pessoa, se você num quiser escrever errado, leia, que nunca mais você escreve errado, quem ler não está perdendo tempo, mas sim ganhando aprendizagem. *Thalita Ferreira de lima, 14 anos.*

Como todos sabem, é impossível não gostar de algo sugerido por essa maravilhosa e esplendida professora, de ar solene e um belo tom de ironia quando necessário. Acho eu, que a leitura vem estimular bastante nós os jovens de hoje em dia, sou um ótimo exemplo para isso, aprecio bastante os livros e me surpreendo a cada página virada, sei que não venho a chegar nem aos pés da maravilhosa leitora que Cléo é, mas estou aprendendo com uma “Mestre”, um dia eu chego lá, quem sabe. Sei que nem todos da minha sala vem apreciar a leitura a ponto de realmente levar uma aula sobre literatura a sério, mas Cléo tem esse poder, ela nos cativa e incentiva de uma incrível forma para que façamos o que nos pede, ao menos a maioria concorda, e vem sendo com grande entusiasmo que venho a desfrutar dessas admiráveis aulas. *Deyse dos Santos Costa, 14 anos.*

A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: MÉTODO RECEPCIONAL E CRIATIVO

Além dos postulados da Teresa Colomer (2007), a respeito da leitura literária em sala de aula, estudamos, também, as concepções de Bordini e Aguiar (1993) em relação aos métodos Recepcional e Criativo. Nestes estudos, levamos em consideração a abordagem metodológica fundamental ao nível médio e incentivada pelas autoras, nos foi possível criar uma sequência de estratégias para aulas de leitura.

O método Recepcional exige a participação do leitor enquanto questionador para as inferências que surgiram mediante sua leitura. Desta forma, o livro escolhido pelo aluno, trará em sua essência a reflexão que fará com ele mude pensamentos e tenha novos a partir da relação dialógica que a leitura apresenta. Com foi falado anteriormente, os alunos selecionaram os livros e os leram, mas não acharam deleite na leitura, não se esforçaram para dar significado a ela. Foi preciso explicar que o ensino da literatura enfatiza a comparação entre o familiar e o novo, entre o próximo e o distante no tempo e no espaço. Aguiar e Bordini (1993, p.85) afirmam que: “(...) a atividade de leitura fundada nos pressupostos teóricos da estética de recepção deve enfatizar a chamada “obra difícil” uma vez que nela reside o poder de transformação de esquemas ideológicos passíveis de crítica”.

Foi necessário então, que o leitor, estimulado pelo texto, começasse a atribuir significado ao que estava lendo, e em cada leitura que fazíamos, percebíamos essa relação do texto trazida pelas concepções do leitor, e de como ele começou durante a partilha das leituras, a construir sentidos maiores.

Ao incentivar o aluno durante a escolha dos livros, percebi que seu horizonte de expectativa precisava de um complemento, de ideologias expandidas, pois ele mal percebia que seus valores





VII ENLIJE

sociais e morais, decorrentes de suas experiências, se transformariam, mediante o contato com a obra literária. Seria o texto o responsável maior durante o processo de leitura. Pois,

(...) o texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos das expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita. O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera dele por hábito, mais altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os. Isso ocorre porque novas possibilidades de viver e de se expressar foram aceitas e acrescentadas às possibilidades de experiência do sujeito. Se a obra se distancia tanto do que é familiar que se torna irreconhecível, não se dá a aceitação e o horizonte permanece imóvel. (AGUIAR E BORDINI 1993, p.87).

O método Criativo viria logo em seguida para nos ajudar em nossa construção simbólica/imagética. Para as referidas autoras, este método atende, sobretudo, a alguns fatores constituintes, sendo eles: O sujeito criador, o processo de criação e o contexto cultural e histórico. Assim, chegamos a concluir procedimentos pautados nas concepções do termo “sujeito criador”, este aluno que cria incentivado por sua criatividade, põe em prática suas escolhas autônomas, que passeiam pelo viés da subjetividade, que ganham vida quando juntos mudam e invertem as coisas.

Na sequência dos jogos, os alunos criavam cenas referentes ao cotidiano, mudando a sequência lógica da ação, deixando as referências literárias ganhar voz durante a montagem das cenas. O viés surreal nasceu de forma singular em cada um deles, os levando a espaços além daqueles que eles conhecem, ou seja, a espaços extra cotidianos⁸. Imaginar personagens e lugares fomentou a descoberta de um jeito forte, criativo e os fez pensar que, a criação coletiva é tão importante quanto ler e escrever.



Fotos: Mariclécia Bezerra de Araújo

⁸ Espaços *extra cotidianos* é um termo usado por professores de teatro para se referir a um lugar diferente, surreal, distante: por exemplo: a lua, o fundo do mar, céus, universos paralelos, etc.





OS JOGOS TEATRAIS E DE IMPROVISO NAS AULAS DE LITERATURA

A partir da pedagogia dos jogos teatrais e de improviso, podemos proporcionar atividades de expressão em que o objetivo básico seja a ampliação das capacidades expressivas dos jovens. Eles criam, assim, seu próprio jeito de realizar as ações, inserindo gostos pessoais, aprendendo com o coletivo a vivenciar histórias, ampliando repertórios, inovando novas formas de se relacionarem.

Em relação às considerações de Spolin (2010, p. 22) sobre o *Jogo Teatral*, eles “são jogos baseados em problemas a serem solucionados. O problema é o objeto do jogo que proporcione o foco. As regras do jogo teatral incluem a estrutura dramática (Onde/Quem/O Que) e o foco, mais o acordo do grupo”.

O *Jogo Teatral* para Viola Spolin é um elemento que representa a ideia de um corpo consciente, preparado para a ação. Não bastava apenas fantasiar, era necessário instaurar uma pedagogia que levasse o aluno a entender o teatro como uma alternativa de ensino, onde através da atuação, eles pudessem solucionar problemas, tornando-se habilitados a improvisar ações. Isso lhe garantiria formas de se desenvolver, denotando capacidades das quais a inteligência, o comportamento e o respeito ganhariam grandes significados.

A percepção do aluno surge como algo revelador, dando a estes aparatos para transformar em cena seus impulsos mais fortes. São os jogos que facilitam as possíveis aberturas para a construção de uma identidade singular, pois com eles, há como estabelecer um dos objetivos complementares da arte teatral – as relações sociais.

Durante as aulas os alunos têm a possibilidade de inserir em cena seus conhecimentos, sendo eles mesmos os dramaturgos, os diretores, formando um coletivo que se une à criação. São os jogos que proporcionam um contato maior com a criatividade.

Segundo Augusto Boal (2015, p. 99) existem cinco categorias que podem ajudar o corpo a receber e a emitir mensagens. Ele assevera que devemos estimular jogos que ajudem a “diminuir a distância entre sentir e tocar”; jogos em que eles possam aprender a “escutar e a ouvir”; que eles possam a partir deste jogos “desenvolver vários sentidos ao mesmo tempo”; que eles também, possam, “ver tudo aquilo que olhamos”; e, que todo o trabalho corporal seja capaz de “despertar” neles categorias aonde o corpo inteiro pensa, age e transforma. Assim,

O exercício é uma reflexão física de si mesmo. Um monólogo, uma introversão. Os jogos, em contrapartida, tratam da expressividade dos corpos como emissores e receptores de mensagens. Os jogos são um diálogo, eles exigem um interlocutor, eles são extroversão. Na realidade, os jogos e exercícios que aqui descrevo são antes de tudo “joguexercícios”,





VII ENLIJE

havendo muito de exercícios nos jogos, e vice-versa. A diferença é, portanto, didática. (BOAL, 2015, p. 97).

Para Boal (2015, p. 102) o corpo inteiro se revela na ação, se desnuda e é capaz de ativar princípios adormecidos, sendo fortemente capaz de solucionar tarefas exigidas pelos jogos. Para ele, “os movimentos que fazemos no dia a dia terminam por mecanizar nossos corpos, aqui nós tratamos de desmecanizar, desestruturar, desmontar” corpos que permanecem presos ao cotidiano.

Os jogos desta forma, nos levam a acreditar em muitas possibilidades de atuação, tendo em vista sua categoria pedagógica. Jogos como: *segue e desenvolve*; *continue a história*, e *congele a palavra no meio*⁹, assim como, os jogos de aquecimento¹⁰, propostos por Spolin (2010) e Boal (2015), nos levam a continuar apostando na ideia de jogo. São os jogos que levam os alunos acessar categorias escondidas dentro dos seus corpos.



Fotos: Mariclécia Bezerra de Araújo

CONSIDERAÇÕES (IN) CONCLUSIVAS

A grandeza epistêmica das aulas de leitura nos leva a crer que precisamos propor uma pedagogia pautada na subjetividade, na liberdade do aluno, onde *Ele* deva ser tratado como sujeito e não como objeto. Precisamos construir com o aluno um conhecimento que nasça de suas próprias matrizes, partindo de princípios básicos que permeiam a ação docente, como: ludicidade, intersubjetividade e intersemioticidade.

⁹ Em todos estes jogos, celebra-se a palavra enquanto instância maior do desenvolver da ação, ou seja, temos sempre alguém que inventa uma estória e alguém que a termina, propondo, ou mudando o foco narrativo. A coletividade é acionada durante estes jogos e todos participam das ações.

¹⁰ Jogos de aquecimento são jogos que iniciam o trabalho com o aluno. Ele vem antes dos jogos teatrais e de improviso, uma espécie de aquecer o corpo, deixando os membros mais soltos, preparados para a ação. Exemplos: corridas, saltos, pulos com corda, treinamentos com bastões, alongamento corporal e etc.





VII ENLIJE

Neste trabalho, considero essencial perceber como o processo de leitura e escrita necessita de uma outra face, de uma outra maneira de se expressar, pois ao ver as formas de participação dos alunos, entendo o quanto o corpo enquanto corpo busca esse contato mais presencial, mais intuitivo que a própria fala. Agir a partir de suas próprias inquietações leva o aluno a manter uma presença firme, constante. Não quero formar atores, e sim humanos que alcancem as diversas maneiras de interpretação existente em nosso cotidiano. Que saibam agir mediante situações, atuando, sem posicionamentos alienados, capazes de questionar, duvidar, sobretudo, perguntar sempre.

Desta forma, estamos iniciando um processo lento, que requer tempo para se instaurar a ideia de leitura literária. Em fevereiro de 2018 iniciei este trabalho desejando formar leitores e estou trilhando este caminho que, de certa forma, não sei aonde ele me levará. Desejo continuar com esta experiência e deixar que nos próximos dois consecutivos anos, possa ver meu aluno manter uma relação inseparável com a leitura literária.

Deixar que ele perceba que ele é o responsável em dar vida a leitura, sendo ele também, fruto de uma categoria contemporânea que cresce, sendo autor de sua própria escrita, porque sabemos do quanto eles precisam expor suas dores e alegrias ao mundo. Eles são e devem ser pessoas cuja atuação maior é da voz as diversas vozes existentes em nossa sociedade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Boal, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Tradução, Bárbara Wagner Mastrobuono e Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor** (alternativas metodológicas). 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

FREIRE, Paulo: **Pedagogia da autonomia**. 17º ed. São Paulo: Paz e terra, 1987.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula: um Manual para o professor**. Tradução Ingrid Dormien Koudela. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

